

ASSOCIAÇÃO DO CÂNCER DE MAMA EM MULHERES NEGRAS NO BRASIL

REBECA DIAS RAMOS¹

DANIELLE MARTINS CORREIA²

ELLEN SANTOS BARROS³

ANTÔNIO CARLOS SANTOS SILVA⁴

RESUMO

A neoplasia maligna da mama caracteriza-se como o segundo tipo de câncer mais comum no mundo, com estimativa de 1,6 milhão. O Brasil, em questão de mortalidade, é um local muito afetado, o que pode ser explicado devido ao fato de existir diagnósticos tardios e terapêuticas inadequadas, de modo a gerar um mau prognóstico. O objetivo do presente estudo foi avaliar a associação do câncer de mama com a cor/raça negra. Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura, a partir da consulta da base de dados do Pubmed, Scielo e Lilacs, sendo utilizados artigos originais publicados em português, do período de 2017 a 2023. A maioria dos casos acontecem com mulheres da cor branca, no entanto, principalmente devido à maior vulnerabilidade econômica, social e de atendimento à saúde, a mortalidade entre as negras é mais elevada. Faz-se necessária a expansão de estudos voltados às causas que geram a mortalidade maior entre as mulheres, de modo a estimular a elaboração e execução de políticas públicas, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida.

¹ Discente do curso de bacharelado em Fisioterapia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

² Discente do curso de bacharelado em Medicina. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

³ Discente do curso de bacharelado em Enfermagem. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

⁴ Doutor em Ciências da Saúde. Docente Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



Palavras-chave: Câncer de Mama, Mulheres Negras, Cuidado em Saúde.

INTRODUÇÃO

A neoplasia maligna da mama representa o segundo tipo de câncer mais comum no mundo, com estimativa de 1,6 milhões. Dessa forma, ao comparar países desenvolvidos e subdesenvolvidos, o Brasil, em questão de mortalidade, é um local muito afetado, o que pode ser explicado devido ao fato de existir diagnósticos tardios e terapêuticas inadequadas, de modo a gerar um mau prognóstico.

É válido citar também que, a disseminação do assunto sobre câncer de mama já atinge 9 em cada 10 mulheres, o que corresponde a 97% das mulheres. Nesse caso, 69% consideram-se informadas sobre o assunto e 28% não possuem informações.

Importante destacar que, a condição socioeconômica é um fator determinante para amplificação deste sofrimento, pela dificuldade de acesso aos serviços de saúde que implicam no diagnóstico tardio, conseqüentemente o agravamento da doença. Portanto, possibilita uma exacerbação da enfermidade, e assim dos estigmas, principalmente quando esta enfermidade tem como ação a mastectomia, que tem como conseqüência o medo a culpa (Zwane, 2021, Fonseca et al., 2020).

Além disso, considerando a cor/raça dos indivíduos do sexo feminino, as mulheres com cor preta e parda demonstram que os resultados são diferentes, em que apenas 28% das mulheres pretas têm conhecimento sobre o assunto, enquanto 33% das pessoas de cor parda relatam ter dificuldade em informações sobre o CA de mama. Com isso, é possível perceber que há uma correlação entre cor/raça e acesso ao conhecimento voltado à neoplasia de mama.

Para entender esse processo de falta de informações, a questão da estruturalizado representa um ponto a ser discutido, já que o desuso do



conhecimento sobre o CA em relação às mulheres pretas proporciona o aumento da desigualdade tanto social quanto racial, podendo projetar o limitador do acesso à mamografia de rastreamento. Dessa forma, esses fatores contribuem para que haja um pior prognóstico existente entre esse público.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica de literatura acerca do câncer de mama e a sua associação com a cor/raça preta. No presente trabalho, foram consultadas as seguintes bases: Pubmed, Scielo e Lilacs, a partir de artigos originais publicados em português, do período de 2017 a 2023. A busca foi feita por meio de termos escolhidos no vocabulário dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), incluindo “câncer”, “mama” e “mulher negra”.

Dessa maneira, foram seguidos quatro parâmetros para a seleção dos artigos divulgados nessas bases: (1) estudos sobre mulheres pretas com câncer de mama; (2) estudos em língua portuguesa; (3) estudos disponíveis integralmente em alguma das bases consultadas; e (4) estudos publicados entre 2017 e 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O câncer de mama representa a principal causa de morte por câncer em mulheres brasileiras, e em nível mundial cede o lugar apenas para o câncer de pulmão, representando um grande problema de saúde pública em todo o mundo. Portanto, os alguns fatores de risco estão relacionados à vida reprodutiva da mulher, como menarca precoce, nuliparidade, idade da primeira gestação a termo acima dos 30 anos, anticoncepcionais orais, menopausa tardia e terapia de reposição hormonal (SANAR,2021).

A sociedade brasileira se constituiu a partir de um histórico escravocrata, que desenvolveu uma consolidação de forma intensa e se



produz de uma forma que se naturaliza no cotidiano, e o campo da saúde não se desconecta dessa realidade histórica e social. Como resultado desta pesquisa, pode-se observar que tiveram vários pontos relevantes, principalmente em relação à porcentagem de mulheres que são acometidas pelo CA de mama, com estimativa de 1,6 milhões de casos por ano, o que equivale a 521 mil óbitos em decorrência da doença (BRASIL,2023).

Segundo o Instituto Nacional de Câncer-INCA, para o Brasil, foram estimados 73.610 novos casos,com um risco estimado de 66,54 casos a cada 100 mil mulheres (INCA,2023). Existem poucos estudos de caráter nacional no país, mas algumas pesquisas americanas mostram que as mulheres negras em relação às brancas não têm maior incidência de câncer de mama, as brancas chegam a ter mais casos diagnosticados. A diferença é que entre as negras a mortalidade é 40% maior (BRASIL,2023).

Nessa realidade, surge um paradoxo influenciada pelo racismo e desigualdade social, no qual infere-se uma realidade existente na sociedade capitalista que tem a mulher como a principal provedora de cuidado, alicerçado na perspectiva de gênero, porém, quando a tonalidade epidérmica desta mulher é negra, a interseccionalidade opera sua lógica de opressões, e de forma categórica produz barreiras de acesso ao cuidado oncológico, e especial ao Câncer de mama (Pollock et al., 2019; Eldridge; Berrigan, 2022).

Faz-se imprescindível para esta discussão apresentar o quão a desigualdade racial é presente no cotidiano das ações de acessibilidade ao cuidado oncológico, pois é muito comum que as mulheres negras frequentemente sejam diagnosticadas em estágios mais avançados do câncer, e, como efeito, atrasa-se o início do tratamento (SOUZA, Márcia et al, 2022).

O sofrimento da mulher negra se origina a partir de sua existência numa sociedade estruturalmente racista, no qual seus corpos são dominados pela expectativa do que é ser preta para satisfazer o imaginário do homem branco



pela mulata, que é vista como um objeto sexual predestinada a viver na solidão, e concomitantemente, têm seus direitos sociais cerceados, somado ao enfrentamento de suas vivências em condições de vulnerabilidade, sem ter nenhum de resquícios de empatia pela sociedade em geral (Lopes; Camargo; Maia, 2020).

No campo da Saúde, há evidências de vulnerabilidades que fragilizam mulheres negras em termos de diferenciais de morbidade, acesso e atenção à saúde – principalmente, quanto ao acesso e qualidade dos atendimentos ginecológicos e obstétricos (BAIRROS, et al., 2008).

Para além de nascer negra, a descoberta do câncer que por muitas vezes é notada no autoexame ou a partir da realização do exame da mamografia. Ao receber a notícia, para aquela ser vivente inicia-se o processo que para muitas aproxima o fim de sua vida, principalmente para quem experimentou dificuldades, discriminação e preconceitos (Lopes et al., 2020; Tavares; Kuratani, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o estudo em questão apresenta uma realidade presente na sociedade, em que há diferenças no que tange à cor/raça, o que ocasiona uma situação na qual as mulheres negras encontram-se em situação de maior vulnerabilidade econômica, social e de atendimento à saúde, de modo a provocar maior dificuldade em relação ao conhecimento e acesso às informações relacionadas ao câncer de mama. A partir disso, existe o reflexo na mortalidade, já que, embora os indivíduos do sexo feminino da cor branca sejam mais diagnosticadas como a neoplasia, entre as negras a mortalidade é muito maior.

Dessa maneira, as iniquidades em saúde ainda persistem, e relacionam-se à estratificação socioeconômica. Com isso, faz-se necessária a ampliação de estudos relacionados às causas que incapacitam ou provocam a

